

Título: Neutralidade - Abstinência. Entre as vicissitudes da práxis e nossa ética: o desejo do analista.

Que ética para a prática psicanalítica hoje? Questão ampla que tentarei abordar acrescentando outras questões, tão atuais, como as formuladas por Roberto Harari a respeito do Seminário de Ética de Lacan: "qual é o vínculo que une os problemas tratados com a ética?", e com mais força "...a que até que ponto a ética impacta os psicanalistas como tais?"¹

Os princípios freudianos da Neutralidade e da Abstenção, diante de certos acontecimentos epocais, particularmente o ocorrido com a pandemia, as mudanças de modalidade na atenção de nossos analisadores, bem como outras particularidades da clínica, muitas vezes precisam ser flexibilizados, mas como entendemos essa implicação clínica?

A partir da experiência de análise com uma criança, na qual tive que me limitar a responder, dadas as particularidades do caso e apesar de considerar que a situação clínica do analisado não era a exigida, a uma exigência do discurso jurídico. Como o trabalho do analista não está isento de cobrança social e como estamos (pré)ocupados muito com essas manobras, foi interessante para mim pensar onde e que orientação damos a essas respostas. Focalizando as noções de neutralidade e abstinência, encontrei dois eixos a partir dos quais poderia me orientar apoiado nos fundamentos, aquilo, que sustentados na hipótese do inconsciente, constitui "nossa ética".

Sabemos que não há constituição subjetiva em que se assuma uma posição desejante sem a aparência de uma lei. Em nosso discurso, uma lei (paternal), que em suas diferentes versões e no quadro da linguagem, traz a dimensão do Outro que permite a um sujeito registrar-se de forma singular onde "a palavra se afirma verdadeiramente"².

¹ Harari, R. Ética. Texto estabelecido por Manuel Rubio

² Lacan, J. "Posición del Inconsciente". Escritos 2. Pág. 818. Buenos Aires. Siglo XXI Editores. (1985)

Constitui-se também o plano da dimensão do gozo, que, como analistas, não podemos descuidar, ficando numa posição ingênua de pretender “fazer o bem”.

De Freud e de seus "Conselhos ao médico"³, Abstinência e Neutralidade, são os princípios pelos quais o analista "remove qualquer interferência consciente em sua capacidade de atenção e abandona-se inteiramente às suas memórias inconscientes", deixando de lado seus afetos com a fim de para realizar uma operação de acordo com as "regras da arte". Freud estimula o analista a "usar seu inconsciente como instrumento de análise" e a manter uma cota de frustração, como um pequeno resto que, como suporte transferencial para a função do analista, abre o terreno fértil para a interpretação.

O ensinamento de Lacan, a partir de algumas passagens retiradas de seus Escritos, destaca a neutralidade como o meio pelo qual deixamos espaço para o Outro, além do outro para fazer um não-ser ne-uter, nem um nem outro daqueles que estão ali. O analista fica em silêncio para deixar a palavra⁴. Por volta de 1969 Lacan distingue a posição do analista como aquela que é indicada pelo objeto a, “existe o único sentido que poderíamos dar à neutralidade analítica, o de não participar das paixões, o que o faz estar naquela zona incerta onde ele está vagamente em busca de seguir a colocação do que há de conhecimento que, no entanto, ele tem que repudiar⁵”

Seguindo essa linha, R. Harari faz uma articulação muito interessante colocando a neutralidade bem próxima da hesitação calculada, como forma de lidar com a “rigidez cataléptica” em que às vezes caímos. Esse momento abre o jogo, de forma perspicaz, para a diferença entre neutralidade e abstinência. Assim, "castração através", muitas vezes, para sustentar a abstinência, o analista deve "calcular" como sair de sua neutralidade. Essa "abrogação", diz Harari, ou seja, esse surgimento de uma "não parcialidade do analista" pelo oposto, é o que é essa vacilação, que se destaca, aliás, por sua condição paradoxal e

³ Freud, S. Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. (1912) T. XII Amorrortu Editores

⁴ Lacan, J. El psicoanálisis y su enseñanza. Escritos 1. (1957) Siglo XXI Editores.

⁵ Lacan, J. Seminario 17. El reverso del psicoanálisis. Pág 145. (1999). Paidós.

por seu resultado como resto essencial e incalculável por ser do Real. “Essa hesitação deve ser diferenciada da passagem ao ato, pois não é acidental, nem inesperada, nem ocorre, nem marca um momento conclusivo; configura uma intervenção em ato”. Harari afirma que, se se trata de um ato, e o que se espera do analista é "cometer" atos analíticos, pelo fato de nomear a intervenção em ato deve necessariamente incluir algum traço não contemplado pelo ato analítico concebido na forma habitual. É precisamente a esse respeito que brilha a "hesitação calculada", afirmando-se por vezes, por vezes mais do que uma interpretação. Observação, diz Lacan, e não "aconselhamento técnico" para alertar como o analista deve preservar para o outro a dimensão imaginária de seu não domínio, de sua "necessária imperfeição".

Zulema Lagrotta e Edgardo Feinsilber⁶ também distinguem neutralidade e abstinência, entendem neutralidade em relação à transferência e o analista como seu suporte. A neutralidade não é a ausência absoluta de relação, mas sim a não identificação do analista com o objeto da transferência. Por outro lado, colocam a abstinência do lado do gozo do analista, para além do gozo referido à sua pessoa. Refere-se ao gozo de sua presença, que Lacan chamou certa vez de "desejo do analista", na medida em que o descrevia, não como gozo puro, mas como aquele com o qual se alcança a máxima diferença entre o eu e o a, entre os ideais e o objeto causa de sua realização.

Partindo das vicissitudes da práxis e numa direção da cura determinada pelo desejo do analista, não se pode “saber de nada”. Esse alcance torna-se crucial para a manutenção daquele lugar de ceticismo que permite sustentar uma posição subjetiva⁷. No Seminário 24, Lacan nos diz que "a neutralidade do analista é justamente essa subversão do sentido, ou seja, esse tipo de aspiração não ao o real, mas pelo o real"⁸. Desta forma, a neutralidade absoluta apenas esconde a presença do desejo.

⁶ Lagrotta Zulema, Feinsilber Edgardo. Finales de análisis. 1 ed. – Buenos Aires, Letra Viva (2008).

⁷ Harari, R. Palabra, violencia, segregación y otros impromptus psicoanalíticos. Catálogos Ed.

⁸ Lacan, J. Seminario 24. Clase del 26 de febrero de 1977.

Coerente com isso, para Harari, uma clínica onde a transferência abarca um âmbito inovadoramente Real, onde as forças do analista podem transcender a hermenêutica interpretativa, e onde a implementação de atos analíticos não regidos pela exclusiva “neutralidade valorativa” é viável, para todos. tal clínica psicanalítica poderá enfrentar os desafios impostos pelas mudanças epocais das posições subjetivas, desde que preserve o local de onde deve operar.

Deste ponto de vista, a nossa ética não pode ser outra senão a dos nossos fundamentos, ao passo que, como refere J. Nassif⁹, não tendo a ver com os "direitos do homem", não podem dizer respeito aos indivíduos em geral, mas sim aos sujeitos tomados um a um no particular de uma situação, escapando de um discurso que formaria um "laço social" segundo a definição do termo "discurso" de Lacan. Portanto, na medida em que evitamos a possibilidade do surgimento de um "Simbólico generalizado", não fazemos caso de uma situação analítica.

⁹ Nassif, J. Un buen casamiento. El aparato del psicoanálisis. Ediciones de la Flor (1997)